



organização
ana claudia de oliveira
kathia castilho

CORPO * E MODA

por uma compreensão
do contemporâneo

© *Copyright* Editora Estação das Letras e Cores, 2008

Direção editorial: Kathia Castilho

Revisão: Nancy H. Dias

Preparação de originais e projeto gráfico: TEXTOS Assessoria Editorial

Capa: Adriana Damiani (criação e arte gráfica) — Rodrigo Araújo (imagens)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo / Ana Claudia de Oliveira, Kathia Castilho, organizadoras. — Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

ISBN: 978-85-60166-07-7

1. Corpo humano 2. Moda 3. Moda - Pesquisa
I. Oliveira, Ana Claudia de. II. Castilho, Kathia.

08-04374

CDD — 391.0072

Índices para catálogo sistemático:

1. Corpo e moda: Pesquisa 391.0072
2. Moda e corpo: 391.0072

2008

Todos os direitos da edição reservados à
ESTAÇÃO DAS LETRAS E CORES EDITORA LTDA.

Calçada das Acácias, 89

Centro Comercial Alphaville

CEP: 06453-054 - Barueri/SP

Telefax: (11) 4191-8668

E-mail: vendas@estacaolettras.com.br

www.estacaolettras.com.br

POR UMA TEORIA CRÍTICA DO CORPO

Helena Katz

Um corpo nunca existe em si mesmo, nem quando está nu. Corpo é sempre um estado provisório da coleção de informações que o constitui como corpo. Esse estado vincula-se aos acordos que vão sendo estabelecidos com os ambientes em que vive. Quando se pensa o corpo por essa proposta de co-dependência com o ambiente, pode-se entender melhor o alcance do que Walter Benjamin (1968) dizia quando observou que, quando o corpo muda, tudo já foi transformado.

Se o corpo pode ser tomado como um índice das mudanças em curso na sociedade, torna-se necessário compreender como se dá esse processo. Por que o corpo pode ser lido como um sinal do seu entorno? De que modo o entorno se torna corpo?

Há, pelo menos, duas maneiras distintas de lidar com a questão e o que as separa tem extrema relevância (p. 7). De um lado, fica o pensamento hegemônico, que apresenta o corpo como um processador. Ele entra em contato com as informações, as processa e, depois disto, as expressa para o mundo. Trata-se de um corpo-veículo-de-comunicação, um corpo-recipiente pelo qual as informações do mundo entram, são processadas e, em seguida, devolvidas para o lugar de onde vieram. Do outro lado, está a *Teoria Corpomídia*, que substituiu o entendimento de corpo-processador-de-*inputs-em-outputs* pelo conceito de corpomídia. O corpo deixa de ser tratado como um meio atravessado por informações que serão expressas depois de processadas para ser entendido como uma automídia (KATZ e GREINER, 2001, 2003, 2005). A informação não é expressa depois de processada, pois a informação torna-se corpo. Exatamente por isso o corpo está, todo o tempo, sendo uma coleção de dados. Como esta está sempre mudando, o corpomídia tem na plasticidade um de seus parâmetros constitutivos.

Muitas moléculas entram e saem da célula, em contrapartida, outras não podem fazê-lo. Mas a célula não é um recipiente contenedor. Ao contrário, ao entrar uma molécula dentro dela, passa a fazer parte da organização celular. As moléculas não recebem vida porque a vida não é uma propriedade das moléculas em si. A vida se relaciona com a organização, com a rede de relações e as propriedades emergentes da interação. No entanto, atravessar uma membrana implica em uma transformação da rede de relações e gera uma transformação da identidade (que já não pode ser pensada em si e por si mesma, mas em um emaranhado relacional co-evolutivo) (NAJMANOVICH, 2001, p. 24-25).

Sendo o corpo um corpomídia, isto é, um corpo que expressa, automídia, torna-se possível dizer que perceber um corpo é notar determinada coleção de informações. Pode-se, portanto, investigar quais delas, ou seja, quais os tipos de corpos mais freqüentes em certos ambientes. A estratégia de uma pesquisa dessa natureza necessariamente se pauta na mutualidade que correlaciona corpo e ambiente e põe em xeque os usos habituais que vêm sendo feitos das referências históricas.

Se é evidente que a representação do corpo levanta questões históricas, está longe do óbvio como essas questões podem ser resolvidas. Historiadores da arte não podem simplesmente continuar a se referir às fontes históricas como “contexto” ou “background”. A influência de teóricos como Hayden White, Joan Scott e Michel Foucault conduziu a uma revalorização de amplo alcance da prática da escrita sobre história, na qual distinções como a que se faz entre o sujeito de um trabalho (por exemplo, uma série de pinturas) e o seu contexto (informação sobre eventos contemporâneos, pertinentes ou sobre a vida do artista ou sobre a matéria-sujeito dos próprios trabalhos) só podem ser vistas como estratégias retóricas planejadas para garantir a continuação de uma certa forma de leitura (MIRZOEFF, 1995, p. 14).

Vale lembrar que a noção de contexto também varia muito. Sebeok (1991) define contexto como o reconhecimento que um organismo faz das condições e maneiras de usar efetivamente as mensagens. Contexto inclui, portanto, sistema cognitivo (mente), mensagens que fluem paralelamente, a memória de mensagens prévias que foram processadas ou experienciadas e, sem dúvida, a antecipação de futuras mensagens que ainda serão trazidas à ação, mas já existem como possibilidade. Para Sebeok, o contexto em que algo acontece nunca é passivo. O ambiente no qual toda mensagem é emitida, transmitida e interpretada nunca é estático, mas, sim, contexto-sensitivo. Por ser contexto-sensitivo, trabalha em correlação com o corpo no tratamento do fluxo de informações permanente que os comanda.

O que Mirzoeff imputa somente à história da arte atinge muitas outras disciplinas, sobretudo as que estudam o corpo. Propõe o imediato abandono das formas teleológicas populares na história da arte, aquelas que se organizam no estilo “O Nascimento do Modernismo” ou “O Triunfo do Oeste”, em prol de uma história descentralizada, apoiada nas interconexões que dão existência aos fatos da cultura.

A Teoria Corpomídia se inscreve nessa mesma direção e fornece argumentos para uma leitura correspondente à indicação de Edward Said, de que devemos estudar “o mapa de interações, o atual e freqüentemente produtivo tráfico que ocorre no dia-a-dia, e mesmo minuto a minuto, entre estados, sociedades, grupos, identidades” (1993, p. 20). O conceito de corpomídia se organiza justamente nesse “tráfico minuto a minuto”, que, no corpo, corresponde a medidas de tempo bem menores. O trânsito de trocas é tão intenso e freqüente que impede o uso do verbo ter e pede pelo verbo estar, pois o corpo é um estado dessa coleção de informações que vai mudando.

O que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador. Capturadas pelo nosso processo perceptivo, que as reconstrói com as perdas habituais a qualquer processo de transmissão, tais informações passam a fazer parte do corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo (KATZ e GREINER, 2005, p. 130).

Quando empregado para designar o corpo, o verbo ter carrega o dualismo do corpo-recipiente. Como se existisse um corpo (um recipiente) e ele fosse proprietário das informações que processa, quando, de fato, o corpo é aquilo que se apronta no processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. E como o fluxo das trocas não estanca, o corpo vive na plasticidade do sempre-presente. Por toda parte, “tudo está relacionado ao corpo, como se ele tivesse sido redescoberto depois de ter sido esquecido por muito tempo; linguagem do corpo, consciência do corpo, liberação do corpo são senhas” (STAROBINSKI, 1989, p. 353).

Embora a palavra seja a mesma — corpo —, chega a ser empregada de formas incompatíveis. Como se fala sobre o corpo, de que corpo se fala, e qual é o corpo que está falando — é preciso ter clareza de que essa aparente superexposição que o corpo vem conquistando não pode ser entendida fora da correlação entre essas três instâncias. A crise que atingiu as velhas certezas modernas da verdade universal e do conhecimento objetivo,

porque colocou em cena temas como identidade e nacionalidade, colaborou na transformação do corpo em objeto de interesse em quase todas as áreas do conhecimento.

Não se pode ignorar também o papel central que Foucault teve na transformação do corpo em um tema obrigatório. Ao desvendar a similaridade estrutural de instituições como a prisão, a escola, o hospital e a fábrica, demonstrando as relações perversas entre poder e conhecimento que as sustentam, fez soar a sirene do alarme. Tornou clara a possibilidade de identificar a produção de *Corpos dóceis* (1997) em várias instâncias sociais, especialmente nas que se dedicam a produzir imagens do corpo.

Lembra que vem do Iluminismo o surgimento de um outro conceito de sujeito, domesticado por tecnologias de vigilância e usa a imagem do panóptico, sugerida pelo inglês Jeremy Bentham (1748-1832), para evidenciar o controle que poucos (invisíveis) exercem sobre muitos (aqueles que vêem uns aos outros). Para Foucault, o panóptico é transformado nas sociedades disciplinares de controle, mais eficientes e mais baratas de serem mantidas, uma vez que são os discursos que passam a fazer o papel de panópticos entre nós. Um desses discursos, talvez o mais proeminente hoje, seja aquele produzido por uma certa proliferação de imagens sobre o corpo na área da moda, pois a moda que os meios de comunicação divulga revela-se um bom exemplo de discurso fetichista sobre o corpo-processador, que o desinveste da potência política à qual lhe pertence.

UMA TEORIA CRÍTICA E EMANCIPATÓRIA PARA O CORPO

Vivemos em sociedades que conjugam autoritarismo e liberdade, fato que, segundo Boaventura Souza Santos, dificulta a construção de uma teoria crítica.

A última grande tentativa de produzir uma teoria crítica moderna coube a Foucault, tomando precisamente como alvo o conhecimento totalizante da modernidade, a ciência moderna... O grande mérito de Foucault foi ter mostrado as opacidades e os silêncios produzidos pela ciência moderna, conferindo credibilidade à busca de "regimes de verdade" alternativos, outras formas de conhecer marginalizadas, suprimidas e desacreditadas pela ciência moderna (2005, p. 27).

Como se sabe, a ciência contemporânea empreendeu a crítica epistemológica dos valores da ciência moderna, problematizando a absolutização dos conceitos de prova, objetividade e verdade. Ignorar que a nova ciência trabalha com pressupostos não essencialistas e não

totalizantes transforma seus críticos em detratores e traveste os seus argumentos naquilo que desejam combater, e que Boaventura nomeia de “conhecimento-regulação”¹.

A ciência moderna destruiu muitos saberes, sobretudo o dos colonizados, colocando-os em um silêncio que tornava as suas singularidades impronunciáveis. Enquanto valerem valores universais patrocinados pela razão, e a razão continuar a ser entendida como a razão de uma raça, de um sexo e de uma classe social, não haverá espaço para uma teoria crítica. Para fazê-la operar, é preciso descobrir como fazer falar o que foi silenciado, mas fora da mímica do colonizador, para com ele estabelecer outras formas de convívio (SANTOS, 2005).

Uma teoria crítica do corpo deve necessariamente propô-lo em uma formulação emancipatória — o que pressupõe lutar contra o consenso. Não se trata de tarefa fácil, especialmente no campo da moda, que é regulado por um entendimento de corpo consensual no seu racismo eurocêntrico. Nele, as exceções tão enfaticamente proclamadas somente legitimam a operação que Agamben (2004) identifica por “exclusão pela inclusão”².

A Teoria Corpomídia se propõe como uma teoria crítica do corpo e cria campos de experimentação em que se possa resistir localmente ao pensamento hegemônico do corpo-recipiente e do corpo-veículo-de-informação. Em 1987, o americano Mark Johnson repropôs a relação entre corpo, movimento e cognição. Mostrou que esta tem origem na motricidade e explicou que a idéia de que existe um dentro, um fora e um fluxo de movimento entre eles se apóia no conceito de corpo como recipiente, um entendimento que se popularizou, mas que não se sustenta mais. O que a perspectiva evolucionista agrega é a possibilidade de lidar com o binômio dentro/fora como complementaridade aberta e não como exterioridade mútua – uma diferença que faz a diferença nas duas propostas apresentadas na página inicial deste artigo.

Sendo o corpo sempre um estado transitório dos acordos feitos com os ambientes por onde circula, é sempre singular e único. E, se assim é, a institucionalização de um modelo de corpo, seja ele qual for, será sempre um exercício de poder na fabricação de corpos dóceis.

¹ Boaventura distingue duas formas de conhecimento na modernidade: conhecimento-regulação e conhecimento-emancipação. O conhecimento-regulação vai da ignorância (caos) para o saber (ordem), e o conhecimento-emancipação vai do colonialismo para a solidariedade (2005, p. 29).

² Agamben (2004) nos ajuda a desmascarar alguns mecanismos perversos que têm como função nos manter no imobilismo. Ao descrever a dupla articulação inclusão pela exclusão/exclusão pela inclusão, nos torna capazes de identificar quando, ao nosso redor, acontecem situações em que a exceção serve somente para garantir a continuidade da regra universalizante. Exemplo: uma modelo negra legitimando a hegemonia incontestada das modelos brancas.

Não terá chegado o momento dessa discussão furar a universalização do corpo-modelo que vigora na moda? Afinal, há um corpo-modelo que hegemoniza as imagens difundidas pelos meios de comunicação. Ele suporta alguns traços distintivos (cabelos, olhos, cor de pele), desde que não violem o modelo-padrão que esteja em vigência, em um escancarado exercício de exclusão pela inclusão praticado por todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Illuminations*. New York: Schocken, 1958.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- KATZ; GREINER. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, Christine. *O corpo*. Pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.
- MIRZOEFF, Nicholas. *Bodyscape*. Art, modernity and the ideal figure. London/New York: Routledge, 1995.
- NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado*. Questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- SAID, Edward. *Culture and imperialism*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática. In: *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2005. v. 1.
- SEBEEK, Thomas. *The sign is just a sign*. Indiana: Indiana Press, 1991.
- STAROBINSKI, Jean. The natural and literary history of bodily sensation. In: FEHER, Michel; NADDAFF, Ramona; TAZI, Nadia (Ed.). *Fragments of the human body, part two*. New York: Zone Books, 1989.